

ENTRE NORMAS E BURLAS: O VIVER EM TERESINA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Andreia Rodrigues de Andrade

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI

Pedro Vilarinho Castelo Branco

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO:

Este artigo analisa as estratégias e táticas, bem como a tentativa de disciplinarização do espaço urbano que permeavam o viver em Teresina na segunda metade do século XIX, através dos Códigos de Postura e dos jornais *O Semanário* e *A Imprensa*. No intuito de entender a cidade imaginada estrategicamente pelos representantes do poder público e as táticas encontradas pelos habitantes da cidade para vivenciá-la, suas táticas para burlar as normas estabelecidas pelo poder público através de Códigos de Postura. As tentativas de disciplinar o viver na cidade estão desde as formas de tentar controlar as vestimentas adequadas para o tráfego pelas ruas da capital até as festas da população pobre, por exemplo, os batuques, são analisadas neste artigo a partir dos conceitos: estratégias e táticas, Certeau (1994) e disciplina, Foucault (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX. Cidade. Teresina.

ABSTRACT:

This article analyzes the strategies and tactics, as well as attempting to disciplining of urban space that permeated living in Teresina in the second half of the nineteenth century through the Posture Codes and news papers *O Semanário* and *A Imprensa*. In order to understand the city strategically imagined by government representatives and tactics faced by city dwellers to experience it, their tactics to cheat the rules established by the government through Posture Codes. Discipline attempts to live in the city are from the way of trying to control the appropriate clothing for traffic the streets of the capital to the party of the poor, for example, the batuques are analyzed in this article from the concepts: strategies and tactics, Certeau (1994) and discipline, Foucault (2011).

Keywords: Nineteenth Century. City. Teresina.

Artigo recebido em 30/10/2015 e aprovado em 10/01/2016

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não consta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

(CALVINO, 1990: 14-15)

As cidades são reduto de novas e variadas sensibilidades na história humana, elas não se constituem somente do visível, mas também das relações medidas entre seu espaço e os acontecimentos do passado. Destarte, o espaço urbano múltiplo e recinto de relações variadas em que seus habitantes a representam de acordo com suas experiências de vida e suas distintas formas do olhar para a urbe. De tal modo, segundo Maria Stella Bresciani, a cidade é multifacetada, tendo em vista que ela:

[...] é também a construção textual dos romancistas, suas ruas, casas, avenidas, lugares de trabalho e de lazer e configuram uma “realidade” que ultrapassa as construções de tijolos. O espaço urbano pode ser suporte de memórias diferentes, cenários contrastados, múltiplos. É esta constante transformação, esta capacidade de engendrar formas múltiplas, o elemento de distorção que aí se introduz com o tempo, provocando mudanças de ponto de vista [...] (1991, p. 14)

Na cidade, a força do imaginário se faz presente e se relaciona com o real e é através desse poder das imaginações que os homens tecem olhares e narrativas sobre o espaço citadino, a partir de seus “lugares” sociais e de seus interesses, seguindo as pistas de Michel de Certeau¹ haja vista que estes trazem em si “estratégias e táticas” variadas.

Por trás da imagem icônica da materialidade citadina teresinense, há linhas tênues que contêm em si estratégias e táticas, as quais deixam transparecer a cidade através de sua população, de suas ruas de chão batido, ainda pouco movimentadas e por um povo a habitá-la praticando-a de forma diversificada e dando à nova capital piauiense – rústica, rural e com poucos recursos financeiros – os seus primeiros contornos de urbanidade. Assim, Stella Bresciani, avanta que na cidade:

As imagens plenas e as representações racionais se esgarçam e deixam entrever território, que podem ser espaços, meios geográficos, mas podem também levantar o véu racional que encobre as fugidias

¹ Conferir CERTEAU, Michel de. In: *A invenção do cotidiano*: 1 artes de fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

subjetividades. Podem ser espaços onde as múltiplas redes de sociabilidade se repetem, diferenciam-se, modificam-se em filamentos imponderáveis. (1991: 13)

Ao pensarmos na escrita deste artigo surge um questionamento: Como se davam as intenções dos governantes públicos para disciplinar e normatizar o viver em Teresina na segunda metade do século XIX? Como os cidadãos se adequavam ao viver na cidade.

Teresina na segunda metade do século XIX não foi somente um pequeno e rústico labirinto de casas, mas também e, principalmente, um espaço complexo e diversificado em que foram construídas relações variadas. Desse modo, a cidade é uma “projeção de heranças históricas” e resulta:

[...] dos esforços econômicos, administrativos, arquitetônicos e de hábitos e aspirações quotidianas. Elas fundam-se numa mistura de funções e nunca nos aproximamos mais de seus segredos do que quando nos ocupamos das condições que geram suas diversidades. As suas realidades, as formas de ocupação, as origens dos seus habitantes e suas ligações com as mudanças e expansão do espaço [...] (GANDARA, 2010: 23)

Nos primeiros anos após a transferência da capital, o crescimento demográfico de Teresina foi rápido, a título de exemplo, no início a população da cidade era de 49 habitantes, em junho de 1851, enquanto, em 1854, Teresina já tinha cerca de 8 mil habitantes e já era a maior sede da província. Em 1872 a população de Teresina era de 21.692 habitantes, enquanto toda a província era de 202.222 habitantes. Contudo, de acordo com a historiadora Teresinha Queiroz:²

[...] Por várias décadas Teresina cresceu menos que a média do Piauí e menos do que outras do Estado, como as situadas nas áreas produtoras de maniçoba, babaçu e carnaúba e as que concentravam a exportação desses produtos.

Entretanto, uma análise dessa natureza não revela o universo das mudanças qualitativas nem o sentido de novo de que a cidade vai se revestindo, as novas funções que ela passa a preencher, muito menos o quanto e o como Teresina por ser capital do Estado, portanto sede político-administrativa, vem a beneficiar-se da produção da vizinhança de municípios mais dinâmicos na economia do Estado.

[...] Teresina por ser a capital e pela localização se beneficia das mudanças conjunturais do Estado e também por ser a capital é privilegiada como cenário para mudanças e exibições. (QUEIROZ, 1994: 18)

² Conferir: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Viver na Província. Transformações. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 18.

Do ponto de vista do crescimento demográfico, Queiroz reitera que o momento de maior crescimento de Teresina foi a segunda metade do século XIX, nos primeiros anos após sua fundação. Tomando como referência a Província como um todo, o quadro demográfico do século XIX, foi o mesmo do povoamento antigo, definido pela pecuária. A tendência de crescimento só foi retomada na segunda metade do século XX. (QUEIROZ, 1994: 18)

Conforme mostram os relatórios do presidente da Província Miguel de Almeida e Castro em 1882³, a capital piauiense encontrava-se em uma situação deplorável, no que tange, por exemplo, à iluminação pública, de acordo com tal governante tal assunto era:

[...] muito digno da solicitude dos representantes d'esta Província: refiro-me à necessidade que tem esta Capital de uma iluminação. É desagradável, é prejudicial ao serviço público, é, até, contristador que uma cidade, capital, nas condições desta, continue nas trevas, quando Cidades secundárias em Províncias, mantém, até à custa das exíguas receitas de seus municípios, uma iluminação mais ou menos regular. (PIAUHY, 1882: 19)

Até porque quando observamos certos melhoramentos urbanos na cidade de cabe ressaltar que os mesmos só chegaram a partir das décadas de 1880 e 1890⁴, a exemplo da primeira iluminação que a capital recebeu, em dezembro de 1882, seis meses após o relatório supramencionado: “[...] Tratava-se de oitenta lampiões de cobre, colocados sobre os postes de madeira e que eram acesos todos os dias no final da tarde pelo ‘acendedor de lampiões’ que cruzava a cidade com uma escada no ombro”. (CASTELO BRANCO, 1994: 25).

Os Códigos de Postura mostram a estratégia dos representantes do poder público para tentar disciplinar o viver na cidade, entretanto a forma como a população recebia tais normas se evidencia em documentos como os jornais do período, os quais mostram os limites entre a cidade dos desejos e a cidade real. Haja vista que a despeito das estratégias normatizadoras e cidade pobre e com condições precárias de organização e funcionamento.

³ Esse relatório foi feito em 1º de junho de 1882, 19 dias após Almeida e Castro ter assumido a presidência da Província do Piauí.

⁴ Conferir: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Teresina no tempo dos lampiões de querosene (final do século XIX). In: *Cadernos de Teresina: Revista Informativa e Cultural Monsenhor Chaves*. Teresina: Ano VIII, n. 18, 1994. QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Viver na Província. Transformações. In: *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

Nesse sentido, a cidade real se distancia e muito da cidade imaginada e desejada pelos representantes públicos para ser civilizada e disciplinada. Tendo em vista que, os limites entre os desejos de governantes e suas imposições, através da tentativa de normatizar o espaço urbano teresinense, vêm à tona na documentação analisada. Em que encontra-se uma cidade com sérias limitações financeiras e com fortes traços de ruralidade. Aliás, de modo geral, durante o século XIX o Brasil era um país essencialmente rural.

Cada forma de olhar para a cidade atuar, aparecer vem carregada de estratégias e táticas as quais trazem possibilidades de decodificação do viver na cidade. Nesse sentido, percebe-se uma tentativa dos representantes do poder público de disciplinar os corpos e os sentidos, portanto o mau cheiro, os gritos pelas ruas da cidade, as práticas de sociabilidades, consideradas incivilizadas e indisciplinadas foram alvos de tentativas de disciplinarização por parte dos representantes do poder público. Assim, para Foucault:

Um direito de soberania e um mecanismo de disciplina: é dentro desses limites que se dá o exercício do poder, esses limites, são, porém, tão heterogêneos quanto irreduzíveis. Nas sociedades modernas, os poderes se exercem através e a partir do próprio jogo da heterogeneidade entre um direito público da soberania e o mecanismo polimorfo das disciplinas. O que não quer dizer que exista, de um lado, um sistema de direito, sábio e explícito – da soberania – e de outro, as disciplinas obscuras e silenciosas trabalhando em profundidade, constituindo o subsolo da grande mecânica do poder. Na realidade, as disciplinas têm seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural”, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização [...] (FOUCAULT, 2009:189)

Algumas questões que despertaram preocupações dos governantes foi a normatização do espaço urbano. E uma das estratégias do poder público, representado pelas autoridades policiais para tentar conter as práticas de crimes na cidade, a vadiagem, a embriaguez e ainda os “maus costumes” da população, foram os Códigos de Postura. Aliás, logo após a transferência da capital de Oeiras para Teresina, ocorrida em 1852, o então presidente da Província do Piauí, José Antônio Saraiva mostrou claras preocupações com a normatização da capital, isso pode ser percebido na promulgação de um código de medidas disciplinadoras que reprimissem práticas delituosas e

“ajuntamentos negros” pelas ruas da cidade fora do horário permitido para o tráfego pelas ruas da cidade.

Havia, pois, por parte dos representantes do poder público e das elites, o interesse de enquadrar a capital nos modelos “de civilidade para que uma nova ordem fosse constituída,” (ARAÚJO, 2001: 235) eles buscaram, assim, ordenar o viver na cidade por meio:

[...] De medidas policiais, leis que disciplinassem a cidade – como os Códigos de Posturas; intervenção no saneamento e higiene pública, apoio às instituições – Colégio dos Educandos e Santa Casa de Misericórdia e Asilo dos Alienados, que tinham a finalidade de afastar os loucos, coibir a mendicância nas ruas, disciplinar o processo migratório, regulamentar o trabalho, prevenir a “ociosidade” e a “vagabundagem”. (ARAÚJO, 2001: 236)

Os Códigos de Postura podem ser percebidos, portanto como tentativas do poder público de regular, normatizar e controlar o viver na urbe teresinense. As posturas municipais do século XIX, nesse sentido, são retratos da cidade de Teresina naquele momento, pois trazem à tona o afincamento dos administradores da cidade, para soerguê-la, a um plano mais civilizado, em consonância com os parâmetros de ordem e higiene dos espaços da cidade.

Entretanto, o contexto que se tinha na cidade era outro: com ruas sujas, mendigos, prostituição, roubos uma realidade contrária aos anseios dos governantes, marcada por corpos indisciplinados.

Não obstante, tal necessidade de ordenar o espaço urbano teresinense era uma algo premente para o poder público que desejava colocar a nova capital em harmonia com os moldes do mundo moderno e civilizado. Por conseguinte, analisar tais códigos é ter a possibilidade de entender como era a dinamicidade da vida cotidiana em Teresina no século XIX, em seus vários aspectos, desde o aforamento dos terrenos até às vestimentas. Bem como a relação que se tinha entre o público e o privado.

Os Códigos de Postura representam, nesse sentido, uma busca de ordenação da precária urbe nascente, no sentido de que tal código disciplinar ordenava os fluxos pelo perímetro urbano: como trafegar pela cidade, até que horas era permitido andar pelas ruas de Teresina, como deveriam ser as casas do perímetro urbano. A título de exemplo cabe citar o artigo 84, do Código de Postura de 1867 o qual normatiza as vestimentas a serem usadas pelas ruas da cidade. Nesse artigo, é possível perceber a tentativa do poder público de punir os costumes não aprováveis para os habitantes da nova capital, quanto

aos seus trajes. O referido artigo proibia o uso de ceroulas às pessoas que circulassem pelas ruas da cidade. A roupa que deveriam usar era calças e camisa por dentro. Os escravos também não deveriam usar “farrapos” pelas ruas da capital. Já a multa para quem descumprisse era de 1\$000 por cada vez que fossem pegos em flagrante, pagos imediatamente, ou 1 dia de prisão. Caso o infrator fosse um menor, a partir de oito anos de idade, seus pais ou responsáveis estavam sujeitos à penalidade. Ao tratar de vestimentas, a tentativa de disciplinar as vestes femininas é também marcante e alvo de estereótipos:

O vestido, as mais das vestes, denuncia as tendências das mulheres, escreve um periódico: - As que usam o apertado; são avarentas, largo fanfarronas; muito curto, apaixonadas pelos bailes, comprido e asseadíssimo, elegância e riqueza; curto e despregado ou roto, desmazeladas; despregado, preguiçosas; com nódoas, porcas e imundas; sempre novo, temíveis; sempre velho, renunciaram ao mundo, ao amor; de cores claras muito alegres; escuras, liberadas e judiciadas; afogado, modestas; muito decotado, pouco pudor (não servem para ninguém muito comprido, varrendo o chão, quando chove, destas mulheres libera nos, *Domine*. (A IMPRENSA, ANO 18, N. 695: 4)

As estratégias governamentais de controlar, dar ordem, embelezar e tornar civilizada a urbe teresinense restringiram, pois, a vida cidadina das camadas populares que aqui viviam, como muitos migrantes vindos de outras províncias, fugindo das constantes secas. Aliás, havia nas ruas da cidade um grande contingente de mendigos e desempregados e, conseqüentemente, um crescimento da criminalidade. Isso, segundo Araújo, eram:

[...] as implicações do fenômeno da seca nordestina, a crise financeira, a desigualdade entre o crescimento das atividades produtivas no Piauí e o aumento do número de migrantes que afluíam para a Província caracterizaram fatores responsáveis pelas condições miseráveis, como também pela alta incidência de criminalidade em Teresina [...] (ARAÚJO, 2010: 76)

Assim, as relações e práticas cotidianas tecidas no espaço citadino teresinense tiveram que lidar com a visão fiscalizadora do poder público tentando controlá-las e discipliná-las, através de variadas estratégias. Tendo em vista que:

As estratégias são ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto as relações espaciais. Procuram reduzir a esse tipo as relações temporais pela distribuição analítica de um lugar próprio a cada

elemento particular e pela organização combinatória dos movimentos específicos a unidades ou a conjuntos de unidades. [...] As estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo [...] (CERTEAU, 1994: 102) (Grifo do autor)

Os olhares normatizadores dos representantes do poder público são perceptíveis nos Códigos de Postura da cidade durante aquele período. Através de estratégias várias para disciplinar o viver na cidade. Todavia, muitas das medidas disciplinadoras prescritas em tais códigos foram burladas pelas táticas do povo de se “enquadrar” a seu modo, ao viver na cidade. Pois a tática:

[...] é a ação calculada que é determinada pela ação de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria; a tática é um movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar, aumentar a propriedade e prever saídas. Em suma, a tática é a arte do fraco [...]

As táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir. (CERTEAU, 1994: 100-102)

O tipo de vida que os governantes tentavam implantar através de estratégias de controle e disciplina, possivelmente, não tinha significado relevante para a maioria daquelas pessoas. Porquanto, seu tempo de trabalhar e vivenciar o cotidiano da cidade, ainda era marcado por uma temporalidade tradicional, por um modo de se guiar através da natureza, uma jornada de sol a sol. Ou seja, a maioria dos habitantes da cidade ainda não tinha passado por um processo civilizador.⁵

As medidas tomadas pelos governantes podem ser compreendidas como tentativas de disciplinar os comportamentos e os costumes dos habitantes de Teresina a

⁵ Conferir ELIAS, Norbert. A civilização como transformação do comportamento humano. In: *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. (Tradução: Rui Jungman). vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Neste livro, Elias discute os comportamentos considerados típicos do homem ocidental moderno, para ele as posturas e os comportamentos ocidentais considerados como “civilizados” e polidos, são construções históricas, ou seja, eles não são naturais do comportamento humano e nem sempre foram os mesmos. Ou seja, comportamentos que em um determinado momento foram tidos como padrões, outros, passam a ser vistos como anti-higiênicos. Por exemplo, o ato de comer com as mãos.

um viver urbano e civilizado, torna-los “corpos dóceis e disciplinados”, que pudessem ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados. ⁶ Porquanto, cabe ressaltar que as disciplinas são:

[...] esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação[...]

[...] o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e, inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos[...] (FOUCAULT, 2011: 133)

E essas ações disciplinadoras se deram de variadas formas desde o próprio traçado urbano da cidade, em formato de tabuleiro de xadrez, que tornava mais visível a circulação das pessoas pelo espaço citadino, e que em si próprio continha mecanismo de controle⁷. Outra medida foi a instalação de um relógio para servir de “regulador público”, em 1866 e também os Códigos de Postura que foram baixados durante a segunda metade do século XIX.

Nesse sentido tentou-se implantar a disciplina na distribuição dos indivíduos no espaço teresinense. Tendo em vista que os aparelhos disciplinares instaurados em Teresina atuaram de forma a “trabalhar o espaço de maneira muito mais flexível e fina”. [...] segundo o princípio da localização imediata ou do *quadriculamento*. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo. De modo que: “A disciplina organiza um espaço analítico”. O seu espaço “é sempre fundo e celular”. (FOUCAULT, 2010: 138) (Grifo do autor)

Nesse sentido, havia a estratégia dos representantes do poder público de disciplinar o tráfego pelas ruas de Teresina no período noturno, desse modo, tais

⁶Assim, havia forte tendência a disciplinarizar os corpos e as mentes, uma influência que, segundo Michel Foucault, já tinha se consolidado desde o século XVIII. Conferir FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. (Tradução de Raquel Ramallete). 39. ed. Petrópolis: Vozes: 2011. P. 132.

⁷Foucault ressalta que na sociedade moderna as tecnologias de disciplinarização dos corpos simbolizam a vontade de padronização comportamental com vistas a uma racionalização do espaço. As estratégias pensadas para a organização do espaço urbano, lançadas por sujeitos localizados em um lugar de poder e saber, a exemplo de profissionais como médicos, engenheiros e arquitetos, os quais disseminam um conjunto de ações e também de discursos, a fim de normatizar a cidade de acordo com os padrões de civilidade exigidos pela sociedade burguesa.

representantes impuseram o horário de fechamento para os estabelecimentos comerciais nas ruas do centro de Teresina, a exemplo de lojas, bares e quitandas. Isso se mostra como uma estratégia para conter os comportamentos “impróprios” no espaço citadino, isso se verifica também no concerne à população escrava que pertencia aos proprietários de estabelecimentos comerciais, para que os mesmos não deixassem seus escravos trafegarem pelas ruas da cidade.

Contudo, havia lugares menos “vigiados” na cidade e nesses espaços, a população pobre livre e também escrava residentes em Teresina encontrou táticas para burlar a norma e desenvolver suas festividades no perímetro urbano da capital, um desses lugares estava no centro de Teresina, uma rua denominada de Rua Grande, situada no encontro da Rua da Glória, Boa Vista e Imperador. A Rua Grande ficou conhecida como Rua dos Negros, devido ao grande fluxo de população escrava e também liberta para sociabilidades noturnas, as quais eram tidas como, incivilizadas e de certo modo, desafiadoras da tentativa de disciplinar a urbe teresinense, um insulto à civilidade e à moralidade pública urbana, isso pode ser corroborado na notícia divulgada pelo periódico *O Semanário*, aquele era um lugar de “devassidão”, possivelmente, um espaço em que afluíam conversas regadas a álcool e danças sensuais:

Na Rua Grande, entre a Boa Vista e a do Imperador, existe um calogio ou coito de quantos escravos vadios há nesta cidade e que muito incomoda aos vizinhos, pelas imoralidades, desaforos e insultos que saem daquele centro de devassidão, que muito depõe contra os créditos de uma cidade que aspira aos foros de civilizada. [...] (O SEMANÁRIO, 1877: 03)

Quanto às formas de sociabilidades da população pobre e dos escravos na capital⁸, cabe mencionar que elas foram vistas pelos representantes do poder público como casos de polícia e eram inclusive proibidas, cabíveis de punição por perturbarem a ordem da “pequena cidade mas já civilizada capital” (O SEMANÁRIO, 1877:03). O Código de Leis e Decretos da Província do Piauí, de 1859, que teve como um de seus principais responsáveis o chefe de polícia Francisco Urbano da Silva Ribeiro⁹,

⁸ A população pobre da cidade, as prostitutas, os mendigos, os escravos e também os migrantes eram vistos como uma ameaça à ordem urbana, eles compunham as chamadas “classes perigosas”. Sobre isso conferir: CHALHOUN, Sidney. Cidade Febril; cortiços e epidemia na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996. E quanto à cidade de Teresina, ver: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: EDUFPI, 2010.

⁹ Ao tratar da atuação deste chefe de polícia da cidade de Teresina, Monsenhor Chaves, aventa que: “A pronta execução do edital se fez sentir em todos os quadrantes de Teresina, provocando descontentamento contra a autoridade que teve coragem de coibir os abusos que iam se tornando rotina. É sempre assim, o

prescrevia acerca de algumas práticas de lazer, como sambas e batuques e o consumo de álcool:

7º - Ficam igualmente proibidos os sambas ou súbias, em que se compreendem as danças de S. Gonçalo, e os batuques ou tambores, nesta cidade, podendo todavia ter lugar semelhantes funções s nos subúrbios da cidade e precedendo de licença desta repartição. Os contraventores serão punidos com as penas de desobediência.

8º – Fica igualmente proibida a venda de aguardente e outras quaisquer bebidas alcoólicas a escravos que não apresentarem bilhetes de seus senhores para este fim. Aos contraventores se imporá a penalidade de desobediência. (PIAUHY, 1859: 45)

Ao tratar das festas na cidade, Monsenhor Chaves mostra que as sociabilidades populares e da população escrava em Teresina foram consideráveis, como: “atividades mágico-religiosas dos negros velhos, libertos ou ainda escravos, dos especialistas em magia, dos mandigueiros” (2013: 202). Assim, podemos apontar que apesar das estratégias do poder público de disciplinar o espaço citadino teresinense e de conduzir seus habitantes a padrões mais “aceitáveis” de comportamentos, a população teresinense encontrou táticas para burlar a ordem e exercer sua sociabilidade, a despeito das tentativas de disciplinarização, que vinham muitas vezes carregadas de punições e de segregação por parte não só dos governantes, mas também das elites da cidade, de modo que, haveria em Teresina espaços demarcados para a festividade da população negra e pobre e que tal festividade era um incômodo para os segmentos de elite residentes na Rua Augusta:

“Pedem-nos que chamemos a atenção da polícia para o folguedo de negros, denominado tambor, que todos os domingos se faz naquela. Achamos-lhe semelhante razão; porque semelhante brincadeira se torna insuportável pelo barulho que provoca” (O SEMANÁRIO, 1878: 04)

A presença da polícia é demonstrativa dessa preocupação em manter a ordem e a disciplina no espaço urbano, a partir da vigilância preventiva dos espaços públicos, entretanto, a presença policial pelas ruas da cidade representou, muitas vezes, a violência e o abuso de poder e inclusive, em alguns locais da capital a vigilância da polícia era mais era mais intensa:

[...] Na noite de 2 de abril de 1873, o soldado da primeira linha e guarda do Quartel Policial, Vitorino Martins de Andrade, ao sair do seu horário de serviço se dirige à casa de sua amásia Zefira Odorica. Insatisfeito com os rumos do relacionamento Vitorino Martins ignora os desentendimentos e parte para a casa de sua amásia que logo ao avistá-la violentamente ‘botou abaixo a porta da rua, penetra na casa e

povo não sabe ser grato aos seus verdadeiros benfeitores. O Dr. Francisco Urbano teve que lutar contra a má vontade e incompreensão de muitos na sua curta gestão. Mas foi inflexível [...] (CHAVES, 2013: 62)

com um sabri atirou [instrumento cortante] na predita Zefira que cortou o queixo inferior'. (SILVA, 2008:12)

Após uma análise inicial dos Códigos de Postura e dos jornais *A Imprensa* e *O Semanário*, teve-se a possibilidade de constatar que tais documentos ganham significação claramente como formas de balizar, ainda que de modo introdutório, os fluxos de vários sujeitos pela cidade de Teresina na segunda metade do século XIX, em que vê-se a clara preocupação em garantir boa conduta no espaço urbano. Tendo em vista que havia a preocupação em manter os bons comportamentos na urbe e também o desejo de controlar os corpos, a despeito de essa ter sido uma estratégia que se deparou com táticas várias que burlaram as imposições do poder público. O viver em Teresina na segunda metade do século XIX, que emana da documentação em estudo, foi alvo do olhar disciplinador do poder público, o qual buscou estratégias disciplinadoras para reprimir as condutas desviantes no espaço citadino. Sujeitos com comportamentos desajustados deveriam ser estrategicamente normatizados e controlados, transformados em “corpos dóceis”, porquanto uma cidade que prezava pela ordem e tentou enquadrar sua população nos moldes de civilidade e disciplina.

REFERÊNCIAS:

- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Na trama urbana, personagens, experiências e imagens* (Teresina, 1877-1910). In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Histórias de vários feitos e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina-Piauí*: EDUFPI, 2010.
- BRESCIANI, Maria Stella. *As sete portas da cidade. Espaço & Debates*. São Paulo: NERU, 1991, p. 10-15.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Teresina no tempo dos lampiões de querosene* (final do século XIX). In: *Cadernos de Teresina: Revista Informativa e Cultural Monsenhor Chaves*. Teresina: Ano VIII, n. 18, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *Fazer com usos e táticas*. In: *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril; cortiços e epidemia na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHAVES, Monsenhor. *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. In: *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Mons. Chaves, 2013.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Como nasceu Teresina. Cadernos Históricos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

CÓDIGO das Leis Piauienses. Teresina: Typ. da Pátria, 1867.

ELIAS, Norbert. *A civilização como transformação do comportamento humano*. In: *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. (Tradução: Rui Jungman). vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. (Tradução de Raquel Ramallete). 39. ed. Petrópolis: Vozes: 2011.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba–Cidades-beira: (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2010.

MACHADO, Manuel da Cunha. *As mulheres e os vestidos*. A imprensa, Teresina, ano 18, n. 695. p. 4.

O Semanário. n. 39. p. 03. 28 de outubro de 1877.

O Semanário. n. 79. p. 04, 17 de outubro de 1878.

PROVÍNCIA DO PIAUHY. *Relatório com que o Presidente da Província Exm. Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro abriu a sessão ordinária da Assembleia Legislativa do Piauí no dia 1 de junho de 1882*. Teresina: Typ. da Imprensa, 1882.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Viver na Província. Transformações*. In: *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

SILVA, Mairton Celestino da. *Burlar as normas, zombar da ordem: polícia, escravos e subversão urbana na Província do Piauí, 1870-1888*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia: vol. 5. Ano V. n. 3, 2008.